

## **Partindo do nada: criando alternativas ao “desaparecimento” de fontes**

Cristiane Miglioranza  
Jornalista, especialista em Comunicação pela Unijuí  
Mestranda em História pela Universidade de Passo Fundo (UPF)

**Resumo:** A História parte do pressuposto da necessidade de indícios que permitam operacionalizar uma representação. Estes indícios – as fontes – servem de validação ou referência para a resolução de um problema inicial e/ou a verificação da confirmação de hipóteses. No entanto, quando existe um tema válido para pesquisa, mas que esbarra na escassez de fontes diretas, como proceder sem que a questão levantada acabe interdita? Este trabalho visa uma alternativa de análise à imprensa republicana no norte do RS - cujos jornais foram “perdidos” misteriosamente - através do cruzamento de métodos que englobam biografia, crítica a documentos e correspondências e a verificação de tendências em outros jornais para buscar uma interpretação e uma resposta para o desaparecimento de arquivos institucionais e pessoais.

**Palavras-chave:** Estudo de fontes, imprensa e poder político.

### **A questão inicial**

Ainda durante a graduação em Comunicação, feita na Universidade de Passo Fundo, uma questão relativa ao surgimento da imprensa foi gerada na disciplina de História do Jornalismo: por que o tratamento em aula apenas sobre veículos de comunicação e seus contextos históricos no mundo, Brasil e estado, sem o complemento de uma abordagem que analisasse o assunto nos âmbitos regional e local? Indagada a chefe da cadeira, a resposta foi de que a produção historiográfica sobre a imprensa local/regional era ainda incipiente, mesmo inexistente em nível de produção acadêmica e/ou literária específica. Mas, por quê? Talvez pela pouca idade do curso de Comunicação Social da instituição – na época com apenas quatro anos<sup>1</sup> –, quem sabe

---

<sup>1</sup> O curso de bacharelado em Comunicação Social – habilitação em Jornalismo da UPF foi reconhecido pelo Ministério da Educação (MEC) através da Portaria 842, de 14 de junho de 2000.

pela até então não demonstração de interesse de outras áreas, como a História, no assunto.

A falta de um referencial histórico-teórico para lidar com os veículos de comunicação da época em Passo Fundo, e seus reflexos nos atuais, influenciou-me no tema escolhido para a monografia de conclusão do curso, mas, devido ao cronograma curto – que previa apenas seis meses – definido para a elaboração do trabalho, a solução foi ater-me mais na questão da imprensa recente. Sob o título “O mito da objetividade jornalística: estudo da cobertura dos diários passo-fundenses ao Acampamento Natalino”, procurei, a partir da análise do período de intervenção militar no acampamento sem-terra da Encruzilhada Natalino, localizado próximo à Sarandi, fazer um cenário da cobertura jornalística entre julho e agosto de 1981, mês considerado pela imprensa local como o mais “aguerrido” do conflito. Por que a escolha desse tema para estudo de caso? Sendo a reforma agrária ainda um tabu na sociedade brasileira e esse episódio um dos mais emblemáticos da história Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra – que nascia naquela época –, foi interessante constatar como a imprensa passo-fundense comportou-se em relação a um tema polêmico durante o período de transição para a abertura política. Assim, a pesquisa, além de fontes bibliográficas, documentais, orais e fotográficas, envolveu o estudo dos dois periódicos da cidade – O Nacional e Diário da Manhã – para além do que foi noticiado. Era necessário avaliar antagonismos, ideologias e partidarismos, o que me reportou para fins do século XIX, quando foi fundado o primeiro jornal na cidade e iniciada a tradição do “jornalismo familiar”. Nesse ponto se deu o meu contato com um porém que viria, longe de me desanimar, instigar a uma busca mais detalhada: a dificuldade de encontrar fontes documentais sobre a “primeira imprensa” local. Já mencionado o cronograma apertado, a solução foi analisar o jornalismo local apenas até o surgimento dos dois periódicos em questão – O Nacional em 1925 e o Diário em 1935.

A questão do início da imprensa local ficou para tema de pesquisa de mestrado, escolhida a área de História devido ao apelo e à necessidade de conhecimentos da disciplina. No entanto, o velho fantasma da falta de fontes reapareceu já na elaboração do projeto de pesquisa. Não existiam mais exemplares do primeiro jornal surgido em Passo Fundo, o *Echo da Verdade* – renomeado mais tarde *17 de Junho* –, assim como

nada mais havia sobre outros veículos da época, como os literários *Palco* e *A Violeta*<sup>2</sup>. Os únicos exemplares remanescentes desse jornalismo inicial eram os de *O Gaúcho*<sup>3</sup>, e em número reduzido. A alternativa foi analisar o que proporcionou o aparecimento do jornal em âmbito local e, partindo deste fator e de fontes referentes, tecer um estudo sobre sua influência.

### Definindo fontes e seus tratamentos

Ainda durante a concepção do projeto de pesquisa, realizei um mapeamento dos jornais surgidos em Passo Fundo de 1890 (quando foi fundado o primeiro) a 1917, data da morte de Gervásio Annes, político e pioneiro dos prelos na cidade. Encontrei em um texto datilografado<sup>4</sup> pela integrante da Academia Passo-Fundense de Letras e memorialista Delma Rosendo Ghem na década de 1970, menção a quatro jornais principais: *O Echo da Verdade* – mais tarde *17 de Junho* –, *A Violeta*, *Palco* e *O Gaúcho*. Dois, segundo essa fonte, traziam abaixo do título a divisa “Órgão do Partido Republicano”. Os outros dois eram impressos na única tipografia local, pertencente ao PRR, de quem recebiam apoio e colaboração nos artigos.

O passo seguinte foi buscar em diversas obras historiográficas e memóriográficas sobre Passo Fundo a existência de outros jornais para compor um mapa da imprensa no final do século XIX e início do XX. Devido à escolha de um tema relativo à história local, foi viável realizar a leitura de todas as obras memóriográficas disponíveis nas bibliotecas Pública Municipal, da UPF e do Arquivo Histórico Regional, totalizando 11 livros. Trabalhos acadêmicos sobre o município, produzidos principalmente dentro do Programa de Pós-Graduação em História da UPF, e obras historiográficas envolvendo o período de recorte (1890-1917) também foram

---

<sup>2</sup> *O Echo* foi fundado pelo chefe do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR) local, Gervásio Lucas Annes, em 24 de abril de 1890, mudando seu nome em 1892 para *17 de Junho*, em função da volta do PRR ao governo do estado após o período do “Governicho” na mesma data. *A Violeta* (1891) e *O Palco* (1899), eram jornais da vertente literária do jornalismo, representavam clubes e recebiam o apoio dos republicanos locais, sendo impressos na tipografia do *Echo*.

<sup>3</sup> *O Gaúcho* surgiu após um jejum de seis anos na imprensa política passo-fundense (11 de março de 1899), e também foi considerado remodelação do *Echo*. Sofreu uma interrupção em 1901, voltando a circular em 1905, sendo extinto em 1920. BERTOL, Sônia; FROSI, Fabíola. O surgimento da mídia impressa em Passo Fundo: os primeiros 50 anos. In BATISTELLA, Alessandro (org.). *Passo Fundo, sua história*. Passo Fundo: Méritos, 2007.

<sup>4</sup> Parte do acervo do Arquivo Histórico Regional da UPF.

consultados e avaliados. A partir deste ponto inicial, foi possível realizar a concepção de dois panoramas referentes à imprensa republicana passo-fundense: um concernente aos veículos de comunicação e suas ligações a agremiações/causas políticas. O outro demonstrando níveis de parentesco consanguíneo e por casamento de republicanos e federalistas, ligando essas genealogias ao exercício do poder político em órgãos locais<sup>5</sup>.

Nessa altura do projeto, seguindo as sugestões de Umberto Eco<sup>6</sup>, um redimensionamento do tema foi realizado para adaptar a pesquisa às fontes até então encontradas. O tema inicial, que era relativo apenas ao surgimento da imprensa local, passou a ser as relações políticas/familiares e suas implicações na imprensa. Levando em frente a metodologia concebida para a pesquisa, o próximo movimento foi o de ir em busca dos quatro principais jornais definidos por Gehm.

Após o mapeamento, iniciei a procura dos jornais. O ponto de partida foi o Museu Histórico Regional, onde, durante a graduação, lembrava de ter visto o primeiro exemplar do *Echo da Verdade* em uma moldura. No entanto, a peça não existia mais, e tanto a responsável quanto os demais funcionários não se lembravam dela. Passando para o Arquivo Histórico, o único achado foram três exemplares de *O Gaúcho* (dos anos 1900, 1905 e 1913). Seguindo o conselho da arquivista-chefe, Sandra Bevegno, estendi a busca do material para os acervos da Casa de Cultura de Cruz Alta, do Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria e do Museu Olívio Otto, de Carazinho. O que encontrei foram outros jornais do mesmo período, mas nada dos “jornais perdidos”. Uma leitura de órgãos republicanos e federalistas disponíveis serviu para delinear como era utilizada a imprensa e como se dava o debate político e a criação e disseminação de poder através das páginas impressas.

Neste ponto, se deu a opção pela análise metodológica condutora.

Segundo Eco<sup>7</sup>:

Certo é que as fontes de um autor podem ser acontecimentos históricos (certas discussões ocorridas em sua época sobre determinados fenômenos concretos), mas tais acontecimentos são

<sup>5</sup> Ambos os panoramas levaram a um artigo apresentado durante o II Seminário de História Regional da UPF. O material está disponível na página da internet <http://2shr.clio.pro.br/> Ver: MIGLIORANZA, Cristiane. “As elites passo-fundenses e sua relação com o poder após a proclamação da República: 1889 – 1893”. In *Anais do II Seminário de História Regional da Universidade de Passo Fundo*, 2007.

<sup>6</sup> ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

<sup>7</sup> ECO, Umberto. *Op.cit.*, 2004, p. 35.

sempre acessíveis sob forma de material escrito, isto é, de outros textos.

A abordagem assumida, então, passou a ser a analítica – baseada em biografias, telegramas, manuscritos e anais – auxiliada por filtros hermenêuticos internos (com a crítica dos documentos e obras) e externos (buscando definir a autenticidade deles através da identificação da origem e cruzamento de dados), além de referencial teórico sobre a imprensa republicana e o PRR.

### Entre sumiços e perdas

Em relação ao primeiro jornal passo-fundense, se encontra já na obra do memorialista Antonino Xavier, no início do século XX, uma referência à falta de exemplares: “lamentavelmente, a derradeira coleção que se sabia existir da velha folha passo-fundense desapareceu, razão pela qual, lembrando-a, só lhe posso consagrar as vagas reminiscências que aqui deixo”<sup>8</sup>. Os outros, salvo o caso de *O Gaúcho*, com três exemplares preservados pelo Arquivo Histórico Regional da Universidade de Passo Fundo, também seguiram o mesmo caminho. No século XXI, Paulo Monteiro forneceu uma explicação para esta falta. Para o estudioso dos combates da Revolução Federalista travados em Passo Fundo e arredores, muitos documentos pereceram sob o tempo, ou mesmo foram destruídos tanto por ignorância de seu valor histórico por parte de seus guardiões como por implicações políticas<sup>9</sup>. José Ernani Almeida<sup>10</sup>, outro pesquisador que realizou seu mestrado em História na UPF, também teve de encontrar meios alternativos para lidar com o sumiço de jornais. Seu tema de pesquisa foi “imprensa e ditadura militar”, e ele relata que, em alguns períodos dos anos de 1964 e 1968, do arquivo dos jornais, foram arrancadas páginas e edições inteiras – ou mesmo não foram nem colocadas em arquivo.

---

<sup>8</sup> OLIVEIRA, Francisco Antonino Xavier. *Annaes do município do Passo Fundo – Cultural*. Vol. 3. Coord. por Marília Mattos e outros. Passo Fundo: Gráfica e Editora Universidade de Passo Fundo, 1990, p. 177.

<sup>9</sup> MONTEIRO, Paulo. *Combates da revolução federalista em Passo Fundo*. Passo Fundo: Berthier, 2006.

<sup>10</sup> ALMEIDA, José Ernani. *Denuncismo e censura nos meios de comunicação de Passo Fundo - 1964/1978*. Dissertação apresentada para a conclusão do Mestrado em História da UPF em 2005. Disponível no acervo da Biblioteca Central da UPF sob o número de chamada D 981.65 Passo Fundo A 447d 2005

No caso da imprensa republicana, os “jornais perdidos” também não foram encontrados em acervos da “cidade-mãe” Cruz Alta, de Santa Maria e de Carazinho. No entanto, a leitura de todas as obras memóriográficas sobre Passo Fundo possibilitou identificar os redatores destes periódicos, seus proprietários, modelo de prelo, tendências políticas e linha editorial. Uma vez identificados os colaboradores, a busca por jornais me levou aos anuários e anais municipais e às famílias.

A única família que ainda guardava uma memória documental era a de Gervásio Annes. Inclusive, seu descendente Alceu Annes organizou um compêndio ilustrado da história da família, disponibilizando-o na internet<sup>11</sup>. De seu conhecimento, algumas informações sobre correspondências com o governo do estado e sobre um caderno de apontamentos, misto de diário, coletânea de impressões e agenda, que já teria sido destruído anos atrás<sup>12</sup>.

Partindo do material e da história de dualidade política municipal (liberais/conservadores, federalistas/republicanos, partidários de Prestes Guimarães ou de Gervásio Annes), comecei a traçar o panorama político, entrelaçando com a imprensa e sua causa de surgimento. Procurei desenvolver uma linha de pensamento que perpassasse as condições de nascimento desta imprensa republicana aqui, tentando resgatar o surgimento do republicanismo na ainda vila de Passo Fundo, a dualidade política existente, o papel e influência do jornalismo no campo político e de que forma ele parece ter influenciado o agir político regional. O uso de conceitos elaborados por Cláudia Viscardi<sup>13</sup> e Bárbara Weinstein<sup>14</sup>, além do estudo analítico de *A Federação, A Reforma e O Gaúcho* e de biografias de líderes regionais foi de grande ajuda no

<sup>11</sup> <http://br.geocities.com/alceuanes/index.html>

<sup>12</sup> Segundo depoimento de Alceu Annes, por e-mail: “Os livros de Direito do Cel. Gervásio ficaram para seu filho Dr. Herculano, e depois para seu neto Dr. Murilo, ambos advogados e já falecidos. Não cheguei a ver esse livros. É possível que estejam entre os que Murilo doou à biblioteca da Universidade de Passo Fundo.

Meu pai contava que o Cel. Gervásio gostava de escrever um diário durante suas viagens, que eram a cavalo, barco ou trem. Infelizmente esse preciosíssimo material foi há muito tempo destruído, talvez por parecer algo obsoleto à luz do modernismo representado pelo “conforto e rapidez” do Ford de bigode e demais facilidades que o progresso trouxe. Tudo o que tenho sobre o Cel. Gervásio, coloquei no site.

Tenho também o cofre que pertenceu a ele, (que infelizmente foi arrombado pela perda das chaves.), e também dois pesados armários que deveriam abrigar seus livros, o que sugere que ele deveria ter bastante livros. Existe (ou existia) um relógio de bolso que pertenceu a ele, mas que o meu irmão não sabe mais onde está”.

<sup>13</sup> VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. “História, região e poder: a busca de interfaces metodológicas”. *Locus: Revista de História, Juiz de Fora*, v. 3, n. 1, p. 84-97, 1994.

<sup>14</sup> WEISNTEIN, Bárbara. “Regional vs. National history: rethinking categories from a comparative perspective”. *Territórios e Fronteiras. UFMT*, v.4, n°. 1, p. 23-31, jan - jun 2003.

preenchimento de lacunas causadas pela falta de documentação mais específica, ou seja, as edições dos “jornais perdidos”. Neste sentido, a análise de itens pertencentes à biblioteca do antagonista político de Annes<sup>15</sup>, o general federalista Prestes Guimarães, esclareceram algumas dúvidas, principalmente em relação ao não desenvolvimento de uma imprensa federalista de oposição, como o observado em Porto Alegre com *A Reforma*. Os livros do chefe republicano doados por Murilo Annes à UPF – conforme depoimento de Alceu Annes e conforme fontes ligadas ao setor de patrimônio histórico da universidade – passarão por uma análise nas próximas semanas, onde darei continuidade à pesquisa histórica.

O descobrimento de fatos importantes na imprensa estadual, como a carta de instituição do republicanismo local e do Clube dos Tocos de Vela<sup>16</sup> (1870), primeira agremiação de caráter republicano na Vila de Passo Fundo, também vieram acrescentar dados à pesquisa. Nesta altura, o objeto passou a ser não o surgimento da imprensa local, mas a forma como o poder político se organizou para preponderar (Passo Fundo era reduto liberal, mas de chefia republicana) e perpetuar-se no poder, fazendo uso da imprensa para legitimar-se, criar e irradiar poder simbólico e arregimentar adeptos, muitos deles evadidos das fileiras liberais.

Durante a leitura dos exemplares disponíveis de *O Gaúcho*, pude definir o uso do jornal para três propósitos principais, e todos eles podem ser colocados, de certa forma, dentro dos interesses do PRR quando da criação de *A Federação*<sup>17</sup>: a resposta/ataque a integrantes da oposição, a defesa da honra de republicanos e a demonstração da força do partido e de sua retidão para com as coisas públicas. Com o passar dos anos, a empresa jornalística passo-fundense, ainda que partidária, passou a oferecer mais espaço a notícias locais e a anúncios comerciais. Nas edições de 1905 e 1913 não havia mais a publicação do folhetim, o que pode significar que o espaço das quatro folhas semanais estava ficando escasso e que o leitor, de quem a direção do

---

<sup>15</sup> Livros e panfletos em posse do Arquivo Histórico Regional da Universidade de Passo Fundo.

<sup>16</sup> Francisco Prestes, considerado o primeiro republicano da então vila de Passo Fundo, teve publicada em 14 de setembro de 1881, no jornal *O Conservador* de Porto Alegre, uma carta declarando-se republicano e defendendo um grupo de discussão favorável a um regime alternativo à Monarquia. O grupo seria os Tocos de Vela.

<sup>17</sup> Organizados clubes republicanos em todo o estado, o segundo passo na difusão da ideologia do PRR foi a elaboração de um projeto de imprensa partidária, concretizado em 1884 com o jornal *A Federação*. Os outros órgãos do partido seguiram as mesmas orientações, copiando do jornal-mestre o estilo, forma e conteúdo. FRANCO, Sérgio da Costa. *Júlio de Castilhos e sua época*. 2ª ed. Porto Alegre: UFRGS, 1988.



veículo tinha consciência e respeitava, estava mais interessado em notícias e na leitura de artigos políticos.

A folha, que dentro do conceito de “regionalismo” defendido por Viscardi<sup>18</sup>, que classificou a luta regionalista como uma disputa política pela obtenção de vantagens adicionais, foi, como o resto da imprensa do século XIX e início do XX no município, uma grande aliada para rebater os adversários, que para expressarem-se contavam apenas com o discurso, o boato e o comentário em grupos sociais. A palavra escrita, ao receber o significado de “palavra definitiva”, acabou deixando para o futuro a ótica republicana, mesmo que nas entrelinhas, quando somadas às informações jornalísticas a heurística das fontes, possa deixar entrever um ponto de vista federalista. A ideologia traçada pelo PRR, de ter um veículo de divulgação, debate e arregimentação na imprensa, funcionou muito bem em âmbito local, e reproduziu o sucesso de um padrão regional.

O resultado do casamento entre fontes e diferentes modelos de historiar pode ser apreciado na dissertação que está sendo concluída para o mestrado em História da UPF, sob o título provisório de “Orgam do Partido Republicano: Relações entre imprensa e poder em Passo Fundo”, um trabalho que foi possibilitado apenas através do desenvolvimento de uma metodologia alternativa de uso de fontes disponíveis em diversos acervos, com o uso da biografia conforme sugerido por Giovanni Levi<sup>19</sup> e de conceitos de regionalismo, identidade e poder político, mais alguns conceitos da área de Comunicação como os do teórico John B. Thompson<sup>20</sup>, que considera a imprensa “uma instituição paradigmática” para o exercício do poder político.

### Considerações finais

---

<sup>18</sup> VISCARDI, Op.cit.

<sup>19</sup> “Vivemos hoje uma fase intermediária: mais do que nunca a biografia está no centro das preocupações dos historiadores, mas denuncia claramente suas ambigüidades. Em certos casos, recorre-se a ela para sublinhar a irredutibilidade dos indivíduos e de seus comportamentos a sistemas normativos legais, levando em consideração a experiência vivida; já em outros, ela é vista como o terreno ideal para provar a validade de hipóteses científicas concernentes às práticas e ao funcionamento efetivo das leis e regras sociais”. LEVI, Giovanni. “Usos da biografia”. In AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). *Usos & abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996, p. 167.

<sup>20</sup> THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade – Uma teoria social da mídia*. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998. Ainda de mesma autoria: *Ideologia e cultura moderna – Teoria social e crítica na era dos meios de comunicação de massa*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998b.



Os trabalhos do historiador e do jornalista são semelhantes, de certa forma. Ambos partem de um tema, ou fato, levantando indícios para a narrativa através de fontes. As fontes passam por uma seleção crítica, sendo entrecruzadas para extrair o máximo de informações co-incidentes. A autenticidade é um fator muito importante, e, em vários casos, atestada lingüisticamente (uso de expressões “de época”, papel característico, selos, timbres, etc.). O processo de levantamento de fontes é o mesmo e busca um objetivo comum: dar veracidade a uma hipótese/acontecimento.

Em relação às alternativas temáticas no caso de indisponibilidade de algumas fontes primárias, tudo depende, como já defendeu Umberto Eco, do enfoque que pode ser dado após o proceder da heurística das mesmas. Muitas vezes, um tema colocado de lado por motivo de sumiço ou falta de documentação pode ser estudado quando desenvolvida uma metodologia embasada no material disponível, uma vez que comparadas e criticadas informações. Sempre se pode transitar entre os contextos micro e macro para explicar eventos locais, dependendo isso de disciplina, metodologia, seriedade, e, o mais importante, ânimo para não desistir no primeiro empecilho. Ou como já disse Paul Veyne<sup>21</sup>, em seu livro sobre a escrita da história:

Não pretendemos, com isso, demonstrar o fato evidente de que, de um período para outro, as lacunas das fontes não incidem sobre os mesmos capítulos [como em um livro sobre o Império Romano]; constatamos, simplesmente, que o caráter heterogêneo das lacunas não nos impede de escrever algo a que se dá, ainda assim, o nome de história.

### Referências bibliográficas

ALMEIDA, José Ernani. *Denuncismo e censura nos meios de comunicação de Passo Fundo - 1964/1978*. Dissertação apresentada para a conclusão do Mestrado em História da UPF em 2005. Disponível no acervo da Biblioteca Central da UPF sob o número de chamada D 981.65Passo Fundo A447d 2005

BERTOL, Sônia; FROSI, Fabíola. “O surgimento da mídia impressa em Passo Fundo: os primeiros 50 anos”. In BATISTELLA, Alessandro (org.). *Passo Fundo, sua história*. Passo Fundo: Méritos, 2007.

---

<sup>21</sup> VEYNE, Paul. *Como se escreve a história*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1995, p. 18.

- ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- FRANCO, Sérgio da Costa. *Júlio de Castilhos e sua época*. 2ª ed. Porto Alegre: UFRGS, 1988.
- LEVI, Giovanni. “Usos da biografia”. In AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). *Usos & abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.
- MIGLIORANZA, Cristiane. “As elites passo-fundenses e sua relação com o poder após a proclamação da República: 1889 – 1893”. In *Anais do II Seminário de História Regional da Universidade de Passo Fundo*, p. 1-10, 2007. Disponível em <http://2shr.clio.pro.br/>
- MONTEIRO, Paulo. *Combates da revolução federalista em Passo Fundo*. Passo Fundo: Berthier, 2006.
- OLIVEIRA, Francisco Antonino Xavier. *Annaes do município do Passo Fundo – Cultural*. Vol. 3. Coord. por Marília Mattos e outros. Passo Fundo: Gráfica e Editora Universidade de Passo Fundo, 1990, p. 177.
- THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade – Uma teoria social da mídia*. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna – Teoria social e crítica na era dos meios de comunicação de massa*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998b.
- VEYNE, Paul. *Como se escreve a história*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1995.
- VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. “História, região e poder: a busca de interfaces metodológicas”. *Locus: Revista de História*, Juiz de Fora, v. 3, n. 1, p. 84-97, 1994.
- WEISNTEIN, Bárbara. “Regional vs. National history: rethinking categories from a comparative perspective”. *Territórios e Fronteiras*. UFMT, v.4, nº. 1, p. 23-31, jan - jun 2003.